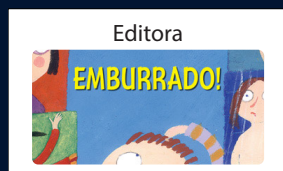
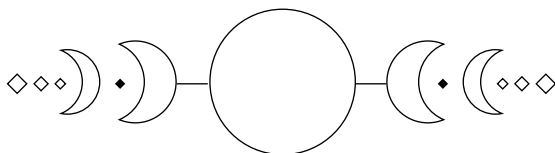


Sonhos e Pesadelos

Miguel Loula

INDI
Brasília 2021





Sonhos e Pesadelos

Miguel Loula

INDI
Brasília 2021

Sumário

Primeiro Capítulo.....	3
Segundo Capítulo	4
Terceiro Capítulo	5
Quarto Capítulo.....	6
Quinto Capítulo.....	7
Sexto Capítulo	8
Sétimo Capítulo	9
Oitavo Capítulo	10
Nono Capítulo	11
Décimo Capítulo	12
Décimo Primeiro Capítulo	13
Décimo Segundo Capítulo	15
Décimo Terceiro Capítulo	16
Décimo Quarto Capítulo	18
Décimo Quinto Capítulo	19
Décimo Sexto Capítulo	21

Primeiro Capítulo

Um jovem começa mais um dia. Ele mora sozinho em uma pequena quitinete. Tem pouco mais de 20 anos e tem um emprego ordinário em que ganha muito pouco.

Em uma noite como qualquer outra, ele se deita para dormir no mesmo horário e do mesmo modo de sempre.

Ao fechar seus olhos ele se depara com um beco escuro onde há apenas duas figuras presentes. Um dessas figuras é um senhor que aparenta ter entre 50 e 60 anos, vestindo um bem cortado terno de executivo e uma gravata. Esse senhor está derrubado no chão e parece inconsciente. Ao lado do morto, de pé está uma figura sombria da qual não é possível ver muitos detalhes.

Ao olhar melhor para o senhor no chão, o jovem identifica uma adaga travessando seu peito. Então a figura misteriosa foge da cena rapidamente, mas deixa cair um pequeno objeto enquanto corre.

O jovem acorda ofegante e assustado. O que mais o deixa impressionada é o realismo do sonho. Mas com o passar das horas do dia, vai esquecendo. Pesadelos não são tão incomuns assim, ele pensa.

No curso do dia ele quase se esquece completamente do sonho.

Segundo Capítulo

Ao passar por uma lanchonete no caminho de volta pra casa após o trabalho, uma cena do telejornal o captura. “Homem assassinado ontem à noite no caminho de volta do trabalho para casa.”

O homem havia sido encontrado com uma faca no peito, no trajeto que rotineiramente fazia do trabalho para casa. O jovem reconhece pela imagem na teve o rosto do morto. Trata-se do mesmo rosto do seu sonho.

No caminho para sua casa, o jovem decide fazer um pequeno desvio. Ele vai em direção ao beco em que o homem foi morto. Sabia que era perigoso mas sua curiosidade não o deixa simplesmente voltar para casa.

Surpreende-se ao não encontrar nada nem ninguém na cena do crime. Nenhum policial, nenhuma fita amarela... nada. Nem mesmo o corpo do morto estava lá.

Ele fica pensando se não confundiu a realidade com seu sonho. Porém, ao olhar para o chão ele vê algo brilhando. Um pequeno objeto reluzente jogado no chão. Mais uma vez sua curiosidade o domina e ele mesmo sem saber exatamente do que se trata, pega-o e guarda-o no bolso.

Um pouco incrédulo o jovem segue caminho para casa. O dia havia sido longo e cansativo. Uma boa noite de sono traria clareza para seus pensamentos novamente.

Terceiro Capítulo

Ele desperta com seu próprio grito no auge de um pesadelo. Aconteceu de novo. Aquela mesma figura mas o morto era alguém diferente.

Uma senhora de uns quarenta anos podia ser identificada. Dessa vez, havia um grande corte no pescoço da vítima. Ele pensou mesmo no sonho que o corte aparentava ter sido feito com uma faca do mesmo tamanho daquela que identificou no sonho anterior. Tudo apontava para uma conexão entre os sonhos.

Dessa vez o jovem acordou ainda mais atordoado. Levantou e imediatamente se direcionou até a calça em cujo bolso estava o objeto que recolhera do chão no lugar onde tinha certeza que tinha ocorrido o primeiro crime.

Olhando-o agora com mais vagar e atenção, ele percebe tratar-se de um pequenino relógio de bolso. Que, ao ser aberto, revela uma pequena inscrição de um losango na parte interna de sua tampa. O relógio está parado no horário de doze e trinta.

No susto do disparo do alarme, o jovem desperta novamente. Havia caído no sono no sofá da sala com o pequeno relógio de bolso em suas mãos.

Quarto Capítulo

Não demorou muito para o jovem perceber que esse segundo sonho também havia se tornado realidade. A notícia do crime espalhou-se feito fogo de palha em sua pequena cidade.

O jovem não havia entendido como e por qual razão ele tivera antecipado, em seus sonhos, as informações dos crimes.

Ainda assim, ele estava calmo. Curioso mas não com medo. Intuíva que ele mesmo não estava em perigo.

A senhora assassinada não estava em seu trajeto de retorno do trabalho. Mas voltava de um bar, em uma área mais luxuosa da cidade e que se encontrava um pouco mais ao norte do local do crime anterior. A polícia não havia identificado qualquer correlação entre esses dois crimes.

Quinto Capítulo

Aconteceu de novo. Dessa vez, já era de certa forma esperado. E por saber que não se tratava mais de uma mera coincidência. Agora, o jovem sabia que cada detalhe importava. Ele prestou atenção em todas as placas e as sinalizações no pesadelo. Ele precisava saber onde se encontrava.

A figura misteriosa, porém, mesmo se olhada atentamente não revelava mais nada. Era como se fosse um borrão em meio ao resto das imagens nítidas do sonho.

Dessa vez, ele sabia onde o crime foi cometido antes da divulgação pelo noticiário. Ele também pode reparar no relógio de pulso da vítima que marcava doze e trinta. E, assim que o relógio marcou doze e trinta e um, a figura misteriosa escapou novamente.

Sexto Capítulo

O jovem se perguntou muitas vezes no que ele deveria prestar mais atenção dentro dos seus sonhos. Uma vez que os sonhos se sucediam, mais ou menos no mesmo padrão, ele teve chances de tentar aprimorar sua percepção.

Mas as coincidências só aumentavam. Ele agora tinha certeza de que ele tinha de algum modo acesso à cena do crime enquanto o ato acontecia. Era como um sonho lúcido. Ele via tudo sem ser notado.

Mas o que o afligia e apavorava era que não conseguia perceber porque ele tinha acesso a essas cenas. Qual seria a relação entre os crimes, o criminoso e ele próprio?

Ele não tinha nenhuma pista sobre a razão de tantos crimes repentinos em sua cidade tão pacata. E os crimes, dizia a polícia, eram premeditados. Ele sentia como se fosse quase desumano manter sua rotina normal numa situação como essa. Mas não sabia o que mais poderia fazer.

Sétimo Capítulo

O crime da noite anterior havia sido num parque bastante conhecido e localizado um pouco ao sul do crime anterior. O jovem agora tentava buscar qualquer padrão de racionalidade que interligasse os crimes.

Ele não resistiu e foi durante o dia ao parque para ver se ele conseguia alguma pista. Chegando ao lugar, que ele bem conhecia, não pode evitar a sensação de que estivera ali na noite anterior.

Por razões que não lhe pareciam sensatas ou compreensíveis, a polícia não havia interditado o parque. Ele então pode perambular pelos locais em que tinha visto no sonho o crime ocorrer. E eis que ao andar em círculos, pisando na grama, sente que seu sapato acerta em algo mais duro. Ao olhar para o chão e tentar decifrar o que seu pé acertou, percebe que pisou em um pequeno objeto transparente. Abaixa-se para enxergar melhor e constata que se trata de uma espécie de lente de vidro, do tamanho de uma moeda de um real. Esse objeto que parecia uma lente, quando ele colocou em sua mão, percebeu que havia dois riscos perpendiculares no vidro.

Sem compreender exatamente do que se tratava, mas convicto de que o objeto tinha importância no contexto dos crimes, o jovem coloca a pequena lente no bolso e segue para sua rotina.

Oitavo Capítulo

Naquela noite, antes de se deitar, o jovem coloca os objetos retirados da cena do crime, sobre sua pequena mesa de refeições. O prato do seu jantar ainda sobre a mesa. Os objetos enfileirados. E o jovem bastante atônito apenas com o olhar fixo nos objetos e sua mente divagando.

E então, quase sem entender como, as mãos do jovem pegam a lente e a encaixam na tampa do pequeno relógio. E com sua curiosidade habitual ele percebe que não só a lente se encaixa perfeitamente na parte interna da tampa do relógio, como os riscos da lente, agora sobrepostos ao desenho da tampa, traçam uma cruz entre os vértices paralelos do losango inscrito na parte interna da tampa do relógio.

Nono Capítulo

Se tudo se repetisse conforme a lógica dos dias anteriores, o jovem sonharia novamente com um crime que se conheceria publicamente pela manhã. O jovem era consumido por uma sensação de ansiedade e pânico por acreditar que teria como antever quem seria a próxima vítima.

Ele pensava que ninguém tinha tanto acesso às informações sobre os crimes. E agora além de tudo, ele tinha esse relógio em suas mãos.

Passou horas tentando decifrar e conectar as informações que tinham. Qual seria o significado de o relógio estar parado em meia noite e meia. O que poderia representar aquela cruz desenhada na tampa deste objeto e mais desafiador que tudo, como teriam sido escolhidas as vítimas?

O jovem intimamente intuía que as vítimas não eram aleatórias. Nada lhe parecia aleatório nesse contexto premeditado.

Foi então que de repente, o jovem teve uma epifania. Lembrou-se dos locais dos crimes. Ocorreu-lhe sobrepor no mapa da cidade os pontos dos quatro crimes cometidos. E bingo! No mapa, via-se claramente que as cenas dos crimes se alinhavam perfeitamente como os vértices de um losango.

Se o jovem estivesse certo, hoje à noite o próximo crime seria no centro da cruz. Rapidamente identificou no mapa qual era essa localidade de sua cidade.

Décimo Capítulo

O jovem correu o mais rápido que pode rumo ao escritório sede da maior indústria farmacêutica da sua cidade. Ele deliberadamente omitiu seus achados da polícia. Algo o dizia que suas deduções não deveriam ser compartilhadas.

E se o jovem estivesse certo, meia noite e meia seria, como nos demais casos, o horário do crime.

Ao chegar ao luxuoso prédio do escritório, o jovem logo percebeu que se quisesse entrar teria que encontrar um caminho que evitasse os seguranças da porta principal.

Mas aquela era sua cidade natal. Nenhum policial da capital saberia virar-se ali melhor que ele.

Ele se dirigiu discretamente a uma rua adjacente e sem vigilância. Ali, murada ficava a parte de serviços daquele grande escritório. Pulando o muro dos fundos e subindo a lateral do prédio de serviço, por uma passagem interna pouco conhecida, o jovem conseguiu acesso ao hall de entrada do escritório sede da empresa. Já se passavam vinte minutos da meia noite. Ele sabia que tinha pouco tempo para agir.

Décimo Primeiro Capítulo

Ele sentia que tinha pouco tempo mas não sabia exatamente o que deveria procurar ou a precisa localidade em que ocorreria o crime dentro daquele escritório.

Aparentemente não havia ninguém no prédio e as luzes estavam apagadas. Mas não demorou até que o jovem percebesse que havia um cômodo com luz acesa. E foi para lá que ele rapidamente se dirigiu.

Ele chega na porta de estrada do escritório do Presidente da farmacêutica. Era isso que se lia da placa na porta.

Ouviu que o senhor sentado em sua mesa falava ao telefone. Não poder ver seu rosto pois o senhor estava de costas para a porta de entrada.

O jovem da porta gritou para chamar a atenção do senhor. “Ei, você! O senhor corre perig...” O jovem não terminou sua frase e caiu ao chão inconsciente.

Ao acordar ele percebe que ainda está na porta daquele mesmo escritório. Porém, ao olhar para baixo ele vê seu próprio corpo no chão. Ele estava em outro sonho lúcido. Ao analisar mais de perto seu próprio corpo ele vê que sua cabeça fora atingida pelo cabo da faca, a mesma utilizada nos crimes anteriores.

Percebeu que ainda estava vivo, apenas inconsciente, como se o criminoso não o quisesse matar.

Às doze e trinta e um minutos, o criminoso foge da cena novamente. Porém, dessa vez ele deixa algo no bolso do jovem.

Acordando em casa, o jovem pensa que talvez aquilo pudesse ter sido apenas mais outro sonho quando percebe que há um objeto em seu bolso. Entre aterrorizado e curioso, ele tenta decifrar o que é o objeto que agora tem nas mãos.

Décimo Segundo Capítulo

O objeto era na verdade simplesmente um papel dobrado muitas vezes. Quase como um bilhete que se quer que permaneça como segredo. As muitas dobras zelariam pelo sigilo.

O bilhete estava escrito em caligrafia simples, nada sugeria nenhuma apresentação cuidadosa, luxuosa ou sofisticada. Apenas escrita comum como uma lista de supermercado. Mas era o conteúdo da mensagem que causava espanto: “Parabéns. Parece que você descobriu muita coisa. Mas ainda há muito por desvendar. Vou te dar uma dica: todas as vítimas escondiam um segredo.”

O jovem releu inúmeras vezes esse enigmático bilhete. Agora ele tinha certeza de que não era só um sonho mas nem assim sabia por onde deveria começar a agir.

Décimo Terceiro Capítulo

O jovem não conseguia pensar em mais nada. Assim, resolveu fazer uma pesquisa com as informações publicadas nos jornais sobre as vítimas. Todos os mortos eram pessoas respeitadas na cidade, além disso, nada mais parecia unir as vítimas.

Ele pesquisou o bar de onde a segunda vítima saiu. Encontrou na internet o nome do estabelecimento e o endereço e foi surpreendido com a informação de que o bar tinha má fama.

A fama não era muito difundida. Apenas alguns comentários em fóruns levantavam a suspeita de a clientela não era assídua e que muitos dos supostos frequentadores após anunciarem que fariam uma primeira visita, simplesmente desapareciam. De início, pareceu a ele que se tratava apenas de boatos maldosos.

Pesquisando sobre a empresa onde trabalhava a primeira vítima com o qual sonhou, o jovem descobriu que havia enorme rotatividade de empregados ali. Não conseguiu identificar quais seriam as razões, aparentemente os contratados simplesmente desapareciam.

As outras duas vítimas fatais, dos crimes com os quais sonhou o jovem, trabalhavam em locais em que as notícias identificadas na rede sugeriam que grande número de pessoas sumia no ar sem deixar rastro.

Mas por que nunca se havia noticiado que tantas pessoas desapareciam em sua cidade? Começava a achar que sua cidade não era tão pacata quanto faziam-no acreditar.

Décimo Quarto Capítulo

A quinta vítima era a mais estranha. Um grande empresário dono de uma companhia farmacêutica obscura. Agia de modo suspeito. Não era de conhecimento público quais medicamentos eram ali produzidos além de a empresa ter um histórico no mínimo peculiar. Com diversas compras encomendadas e jamais entregues, junto com compras em larga escala de matéria prima para produção de substâncias letais.

Outra informação muito suspeita era o quanto a empresa gastava para fazer queima particular de várias toneladas de lixo. Quanto mais o jovem pesquisava sobre a empresa mais se convencia de que havia algo que não se encaixava naquela farmacêutica.

Ele já não conseguia mais apenas pesquisar na internet. Tinha que ver com seus próprios olhos o que estava se passando. Achou que o local onde passaria mais despercebido seria o bar.

Décimo Quinto Capítulo

Chegando ao bar, percebeu mesmo que era pouco frequentado. Havia muitas mesas completamente vazias, mas o jovem considerou mais sensato que se sentasse no banco do bar. Demorou até que alguém o notasse. Ele que já tinha ensaiado mentalmente uma conversa que parecesse bem descolada para tentar obter do barman alguma informação sem dar nenhuma em troca.

Mas, o barman que o notara perdeu o interesse nele assim que uma senhora muito simples abriu a porta do bar. Como o barman se antecipasse para puxar conversa com essa senhora o jovem identificou que essa seria uma oportunidade para entrar na área de serviço do bar sem que fosse notado.

O jovem sorrateiramente levantou-se do banco e caminhou como que em direção ao banheiro, mas ao final do corredor ao invés de entrar no toailete ele com um jogo de corpo desviou rapidamente seu curso e entrou na área restrita a funcionários.

A visão que teve ao abrir a porta foi absolutamente chocante. Diversos funcionários empurravam containers cheios de corpos. Os containers fechados já eram arrastados para fora do bar, de modo que ninguém de fora perceberia o conteúdo dos recipientes.

Antes que pudesse sequer pensar em fazer algo, sentiu uma mão em seu ombro e uma voz familiar lhe sussurrou: “Viu? Eu te avisei que havia muita coisa de que você não sabia.”

Décimo Sexto Capítulo

Com o sobressalto do susto, o jovem levanta de sua cama e senta sobre o colchão. Nada parecia mais real que aquele sonho. Mas afinal, ele estava em casa, dormindo. Só poderia ter sido um sonho.

Levantou-se para beber água, ainda atordoado do sobressalto. Ao voltar para cama com o copo na mão direita ele percebe que há sobre sua mesa de cabeceira uma caixinha da qual ele não se lembra.

Sua curiosidade faz com que imediatamente deposite o copo no espaço que resta sobre a mesa e busque a caixinha com ambas as mãos e abra-a cuidadosa, mas avidamente.

A caixa tinha algum peso e dentro dela o jovem encontrou logo um outro bilhete. Na mensagem explicava-se todo o mistério dos crimes. O dono da empresa farmacêutica também era o autor de um esquema de assassinatos em massa. Ele mantinha contato constante, porém sigiloso, com todas as outras vítimas dos crimes misteriosos dos sonhos. Além de orquestrar o esquema, o empresário também fornecia o veneno usado para matar as pessoas invisíveis além de o contrato fechado com a empresa que incinerava os cadáveres.

Cada um dos mortos no sonho do jovem estava identificado no bilhete como sendo partícipe desse genocídio.

Ao retirar o papel da caixa, o jovem reparou que havia mais algo escrito no verso: “Após obter essas informações, você agora tem uma escolha. Bons sonhos :)” Ele então vê no fundo da caixa uma adaga e uma capa preta. Os mesmos itens usados pela figura misteriosa em seus sonhos.